Sem Sombra de Finados

Mesmo não tendo parentes mortos, freqüento os cemitérios nestes dias convencionados. É que, quando menino, fui ao enterro de um ex-amigo do meu pai. Papai não levou flores. Levou-me pelo braço.

Lágrimas, sol a pino e formalidades cumpridas... Fitei, me curvei para mirar a morte de perto. Os coveiros, neste instante, fecharam o caixão ficando minha sombra lá dentro. Estremeci.

De cauteloso e segurando flores, revelei ao meu pai que minha sombra havia sido enterrada ali, mas eu não me lembrava em qual cova. Ele, talvez por isso, me prometeu uma sova. Tentando me safar, me expressei transferindo o morto para um local mais nobre; disse que na verdade eu não me lembrava em qual "Tumba"... mas logo ali mesmo levei minha tunda!

Vivo sem entender o motivo do doloroso castigo. Em dias como hoje volto aos cemitérios e apelo em prece aos que ali estão finados: Ajudem-me vocês !!!

Ainda sem resposta, não sei como proceder em dias de pleno sol.
Para mim o mundo é uma sombra só, mas não sei com clareza como as sombras são. Vejo que ascende o sol a pino e se elimina a maioria delas. Repare você nesta ressurrecta sombra que me acompanha bem à luz do dia. Eu a protejo. Me posto frente ao sol e com dedo em riste grito forte:

Saia sol! Saia!... deixa minha pobre sombra em paz!

Ágil ela se refaz fiel ao desenho deste corpo meu. Assim de tão grata, fica e se derrama aos meus pés... Gosto, sombra minha! Coisa linda até!

Ao findar de cada dia o luminoso sol se esvai em pôr. Aí, e novamente, a sombra cresce longa para ser do tamanho deste mundo que ela é.

É o que não vejo e sei.

O dia é noite iluminada pelo sol.
Ressurreição dos finados.